

# CONTRA TODA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO: RESPEITO À DIVERSIDADE

## O que significa discriminar?

As muitas diversidades entre as pessoas nos permitem pensar em grupos diferentes. É simplesmente a realidade. Algumas pessoas são mulheres e outras, homens; algumas têm a pele negra, outras mais branca ou semelhante ao cobre; algumas professam uma religião, outras outra, e outras nenhuma; algumas são anciões, outras jovens e outras, crianças; algumas gozam de boa saúde, outras padecem de alguma doença ou deficiência. E assim, poderíamos seguir. A variedade de indivíduos é tão ampla!

Ao referir-se a um grupo de pessoas que compartilham algum traço físico ou racial, de opiniões, de personalidade, pode-se generalizar e dizer, por exemplo, "as mulheres", "os orientais", "os protestantes", "os jovens". Estes agrupamentos são algo simplistas; porque, mesmo que seja momentaneamente, apagam as diferenças individuais para destacar só uma ou umas poucas características do conjunto. Mas no fundo não há nada negativo nisto, desde que sempre exista consciência de que fala-se simplificadamente.

**Porém, quando estabelecem-se distinções que não só criam grupos diferentes; senão que ao mesmo tempo sugerem que um dos grupos é melhor ou pior que o outro -devido precisamente ao gênero, à etnia ou à cor, ao idioma, à nacionalidade, às crenças ou opiniões, à idade, ou à capacidade física- o que se está fazendo é discriminar<sup>3</sup>.**

Quem discrimina a uma pessoa ou grupo, os diminui em sua dignidade humana. E assim, ajuda a criar ou a justificar abusos contra eles. Porque a discriminação é uma prática que não só lastima os sentimentos de outros, mas tem conseqüências que vão muito além. Se algumas pessoas consideram a outras "inferiores", passam facilmente a crer que são "superiores". Pelo caminho deste raciocínio falso chega-se a desconhecer as primeiras prerrogativas ou direitos que os segundos desfrutam.

### Um monstro de muitas cabeças

A discriminação pode tomar muitas formas, tantas quantas diferenças legítimas

... a discriminação contra a mulher é incompatível com a dignidade humana e com o bem-estar da família e da sociedade, impede sua participação na vida política, social, econômica e cultural de seus países em condições de igualdade com o homem, e constitui um obstáculo para o pleno desenvolvimento das possibilidades que tem a mulher de servir a seu país e à humanidade.

*Declaração das Nações Unidas sobre a discriminação contra a mulher, 1967*

3. ABC La Enseñanza de los Derechos Humanos. Nações Unidas, Centro de Direitos Humanos, Genebra, 1989

possam existir entre as pessoas. As mais antigas e freqüentes são:

- pelo **gênero**: discriminação à mulher (sexismo ou machismo);
- pela **origem étnica ou cultural**: discriminação aos grupos não brancos e de raízes culturais não européias (racismo);
- pela **nacionalidade**: discriminação aos estrangeiros (xenofobia);
- pelo **credo religioso**: discriminação aos crentes de religiões não oficiais ou não majoritárias em uma sociedade;
- pelas **opiniões políticas**: discriminação aos partidários de posições políticas contrárias às dominantes numa sociedade;
- por pertencer a **grupos minoritários da comunidade**: discriminação a grupos que, em algum sentido, estão numa situação diferente à da maioria numa sociedade -como exemplo, os refugiados, as pessoas afastadas de sua comunidade de origem ou os trabalhadores migratórios;
- pela **idade**: discriminação a crianças e anciões; e
- pela **capacidade física**: discriminação às pessoas que sofrem de algum impedimento físico ou deficiência -inválidos, cegos, surdos-mudos ou doentes mentais.

A discriminação não é um fenômeno exclusivo dos regimes despóticos, ou do passado. Continua em nossos dias, cotidianamente, em todas as sociedades do mundo, inclusive as que consideram-se mais desenvolvidas. Tem sido e é difícil de superar. Talvez porque as diferenças que provocam juízos desvalorizadores e tratamento injusto, em muitos casos, coincidam com diferenças biológicas (gênero) ou com diferenças físicas notórias (cor da pele, traços faciais, conjunto ou destrezas físicas), por isso muita gente não pode ver além do superficial e reconhecer uma identidade profunda compartilhada. A muita gente custa entender que sermos diferentes em algumas coisas não nos torna diferentes em todas as demais; especialmente, não nos torna diferentes em nossas necessidades, sentimentos e aspirações como pessoas. Todos queremos viver adequadamente, sentirmo-nos livres e respeitados, sermos felizes... Mas é tão freqüente que alguma diferença particular seja aumentada até ocultar o que é comum a todos!

Esta atitude às vezes é consciente e deliberada. Têm existido muitas argumentações explícitas sobre a suposta "superioridade" de uns grupos sobre outros. Como as que usaram, por exemplo, os legisladores durante muitos séculos para manter às mulheres num estado de subordinação, ou os impérios europeus para submeter aos povos conquistados da África, Ásia ou América... Há quem siga usando-as ainda hoje para submeter a povos vizinhos em

...toda doutrina de diferenciação ou superioridade racial é cientificamente falsa, moralmente condenável, socialmente injusta e perigosa, e nada permite justificar a discriminação racial, nem na teoria nem na prática.

*Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, 1963*

Todos os povos do mundo contam com as mesmas faculdades que permitem-lhes alcançar a plenitude do desenvolvimento intelectual, técnico, social, econômico, cultural e político.

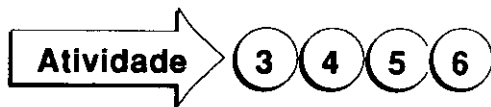
As diferenças entre as realizações dos diferentes povos explicam-se completamente por fatores geográficos, históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Estas diferenças não podem em nenhum caso servir de pretexto a qualquer classificação hierarquizada das nações e dos povos.

*Declaração das Nações Unidas sobre a raça e os prejuízos raciais, 1978*

nome do "apartheid" ou da "limpeza étnica". Esta retórica é empregada para disfarçar os verdadeiros interesses de quem goza de algum privilégio - econômico, social, político ou familiar - que resiste a perder ou compartilhar.

Mas muitas vezes, a discriminação não é consciente. É uma atitude que aprendemos involuntariamente, absorvendo-a de nossa sociedade. Introduzimos a atitude de discriminação dentro de nós interiorizando-a sem querer. Em geral, não é tão extrema para que justifiquemos um genocídio ou uma repressão violenta. Tem manifestações mais sutis, mais dissimuladas, que afloram sem nos darmos conta. Sim, pode ser mais sutil, mas nunca é inofensiva....

Se não descobrirmos e banirmos de nós mesmos qualquer forma de discriminação, isto poderá converter-se em germen de abuso aos direitos humanos de outrem. Ou, se acontecer de sermos parte de um grupo discriminado, poderemos contribuir para manter a situação de abuso de nossos direitos. O risco é grande: sermos agentes de discriminação ou seus cúmplices.



Eu sonho que algum dia, nas vermelhas colinas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos amos poderão sentar-se juntos à mesa da irmandade...

Quando deixarmos ressoar a liberdade, quando a deixarmos ressoar em cada povoado e em cada aldeia, em cada estado e em cada cidade, seremos capazes de adiantar o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, Judeus e Gentis, Protestantes e Católicos, possam dar-se as mãos e entoar as palavras daquele velho cântico Negro: Por fim livres! Por fim Livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, por fim somos livres!

Martin Luther King, Discurso na Marcha pelos Direitos Civis, Washington, 1962.

Assim como criou o mundo, Kaku Serankua criou as águas, que como veias pelas quais corre o sangue dos homens, alimentam a terra. Criou também as estrelas, o sol, a lua. Ao criar os seres vivos, ditou leis a todos os homens, -brancos, amarelos, vermelhos e negros- cujas cores são as mesmas que tem as quatro capas da terra...

... Segundo os ensinamentos de Kaku Serankua, a natureza é nossa Mãe e, como tal, deve ser respeitada, assim como suas leis. As relações entre os homens devem ser de compreensão, justiça e igualdade. Assim tem sido sempre, assim temos vivido, sempre respeitando-nos uns aos outros e seguindo os ensinamentos de nosso pai. Porém, o Bunachu (o branco) desconhece tudo isto, tem atacado a seus irmãos Iku e nos tem afastado da linha negra, tem-se afastado da Mãe Natureza e tem utilizado sua ciência para destruí-la; tem-se afastado de seus semelhantes, não respeita a seus próprios irmãos e dita leis contra eles, despoja-os de sua terra e persegue-os. Se o branco continua empenhado em viver assim, esta será sua própria destruição.

Do "Testemunho de Burimake", manifesto dos indígenas colombianos, 1974.

## A discriminação cotidiana: preconceitos e estereótipos

Uma forma com a qual muita gente bem intencionada contribui à discriminar é alimentando preconceitos e estereótipos.

O **preconceito**, como seu nome o indica, é um "pré"-conceito uma opinião que se emite antecipadamente, sem contar com informação suficiente para poder emitir um verdadeiro julgamento, fundamentado e raciocinado. Os preconceitos são opiniões levianas e arbitrarias, mas que não surgem do nada. Nem, ao contrário do que se possa pensar, são opiniões individuais. Em geral, nascem da repetição irrefletida de pré-julgamentos que já ouvimos antes mais de uma vez. Finalmente, à força de tanta repetição, terminamos por aceitá-los como verdadeiros. E os repetimos sem sequer nos preocuparmos em verificar quão certos são. O preconceito contra certas pessoas ou grupos de pessoas nasce dos estereótipos.

Um **estereótipo** pode definir-se como "um conjunto de traços que supostamente caracterizam a um grupo em seu aspecto físico e mental e em seu comportamento. Este conjunto afasta-se da realidade restringindo-a, mutilando-a e deformando-a"<sup>4</sup>. Isto quer dizer que a realidade deforma-se da mesma maneira que quando se

4 Perrot, Dominique e Preinswerk, Roy. *Etnocentrismo e História. América Indígena, África e Ásia en la visión distorsionada de la cultura occidental*. Editorial Nueva Imagen, México, 1975.

faz uma caricatura: primeiro, simplifica-se a realidade -selecionam-se um ou uns poucos elementos ou traços, enquanto ignoram-se todos os demais -e depois, ela é generalizada- esses elementos ou traços simplificados são atribuídos automaticamente a todos os indivíduos que formam um grupo.

Certamente, temos escutado mais de uma vez frases como: "os judeus são avarentos", "os negros são preguiçosos", "os árabes são violentos", "as mulheres são sentimentais e frouxas", "os ciganos são ladrões". A lista poderia seguir quase indefinidamente: "os índios são...", "os argentinos são...", "os homossexuais são..."

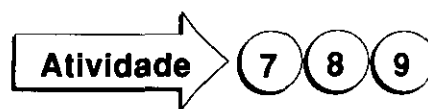
Todos os anteriores são estereótipos negativos. Ainda que também construam-se estereótipos afirmativos como, por exemplo, "os franceses são cultos", "os cristãos são piedosos", "os homens são fortes", "os americanos são trabalhadores".

E a lista também poderia continuar: "os protestantes são...", "os anglo-saxões são...", "os japoneses são..."

Que um estereótipo seja negativo ou positivo é, simplesmente, uma questão do ponto de vista escolhido para fazer a "caricatura" de uma pessoa ou grupo considerado -segundo gênero, etnia, cultura, nacionalidade, religião, etc. Se trocarmos o ponto de vista, utilizando o mesmo traço ou qualidade, o significado do estereótipo transforma-se facilmente em seu oposto. Com uma simples inversão de perspectiva pode-se sustentar que "os judeus são poupados" e "os franceses são pedantes". E o mesmo com qualquer outro exemplo. Geralmente, os membros do grupo considerado, ou quem sentir-se próximo ou atraído por esse grupo, tenderão a construir estereótipos positivos; quem não pertencer ao grupo ou sentir-se incômodo pertencendo a ele, tenderá a construir estereótipos negativos.

Seja positivo ou negativo o estereótipo sempre é falso na medida em que empobrece e distorce a realidade. Quem o utiliza crê que está fazendo uma descrição; mas o que está fazendo, na verdade, é acomodar-se num esquema rígido pré-fixado de comportamento, de mentalidade, de virtudes ou defeitos. E uma vez acomodado no esquema, aplica-o por igual a todos os indivíduos que compõem o grupo. Não existem matizes, muito menos variações individuais.

Este fenômeno resume-se bem em frases populares, lamentavelmente tão freqüentes, como: "Todos são iguais", "Essa gente é assim", "Quando se viu um, se viu todos" ou "Para amostra de um botão". Só que... nós, as pessoas, não somos iguais aos botões, certo?



Trabalhem, pois, para banir os "pré-conceitos" e vencer os estereótipos, num esforço por construir o respeito mútuo às diferenças que nos dão identidade como pessoas. Mas observemos que respeitar não é a mesma coisa que sermos

indiferentes com o que os outros são ou pensam; nem é buscar concordar em tudo com os demais. É reconhecer o direito de outros a serem como são e a pensarem como pensam, ainda que não compartilhemos de suas maneiras de ser e pensar. Também não é respeitar todos os atos dos outros. Não! Existem atos reprováveis que devemos censurar e combater. Mas sim é, sempre, respeitar a pessoa, sua essencial dignidade e seus direitos. Porque o reconhecimento e a defesa dos Direitos Humanos alcançam também a quem os viola.

Assim como a diversidade biológica do homem tem mantido sua perenidade, também as diferenças culturais expressam a riqueza das respostas que o homem tem sabido encontrar para adaptar as suas necessidades os diferentes ambientes a que tem enfrentado ao longo da história. As diferentes formas de cultura humana são, pois, garantias da sobrevivência da espécie. Deve-se salvaguardar e respeitar a sua dignidade.

*Conclusões do Simpósio Internacional de Expertos sobre o tema  
"Direitos de Solidariedade e direitos dos Povos" (Número 32), 1982.*

